



VIVÊNCIA

REVISTA BRASILEIRA DE A.A. Nº 34 - MAR/ABR 1995

PRECISAMOS UNS DOS OUTROS ?

B.L. - MANHATTAN, NY

Se as primeiras palavras que ouvi em A.A. levaram-me em direção ao primeiro Passo, foi o segundo depoimento que me deu uma esperança instantânea, fazendo com que me sentisse melhor imediatamente. Agora, trinta e um anos depois, eu acredito que a segunda frase que ouvi continha a ideia saudável de nossa então não escrita Primeira Tradição.

Estas primeiras palavras foram: você está tendo problemas com o seu modo de beber? Totalmente despreparada para aquela pergunta, antes de saber o que estava fazendo, acenei com a cabeça um sincero "sim". Foi um balanço em direção ao Primeiro Passo. Mais tarde, recaí, mas finalmente retornei.

Minha nova amiga riu-se e disse calmamente: "Eu mesma sou uma bêbada; venha e conversaremos sobre o assunto". Com efeito, convidou-me a participar da Primeira

Tradição: "Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A."

Sua descrição em si comoveu-me com perplexidade e alívio. Assim, silenciosamente, segui aquela mulher maravilhosa para o interior de outra sala, a fim de conversarmos sobre o assunto. Naquele momento, eu a seguiria a qualquer lugar, baseada na sua revelação destemida.

"Bêbada" era uma palavra que eu ressentia - como adjetivo ou substantivo. Sempre me causava aversão. Até que minha amiga falou sobre isso de maneira simples, como podia ter dito que era uma mulher. Ela disse: "Existem muitos de nós que sofrem da doença do alcoolismo e agora estamos nos dominando". Eu não estava mais sozinha! Um soluço de alívio brotou. Minha amiga então falou-me, de modo imperturbável, sobre suas bebedeiras e, cuidadosamente, não fez perguntas sobre mim ou sobre as minhas.

No livro "Sede de Liberdade", David Stewart acentua o tremendo poder de ajuda da empatia. Na empatia daqueles primeiros AAs encontrei, certamente, um poderoso sopro contra minhas bebedeiras, dando-me uma imensa força para a recuperação e, acredito, uma manifestação de nossa Primeira Tradição que vai consideravelmente mais profundo que uma simples identificação. Nós continuamos para seguir bons exemplos de sobriedade e no Décimo Segundo Passo, nós nos colocamos no lugar da outra pessoa, a fim de ajudá-la.

A empatia que me cercava parecia revelar algo em mim que foi o meu primeiro interesse autêntico, como jamais havia sentido pelo bem-estar de outrem e sentia um outro efeito benigno sobre mim: como outros alcoólicos, me sentia a pessoa mais rejeitada, mais solitária da face da terra, um longo tempo antes de tornar-me A.A. Meu primeiro maior cumprimento ao segundo depoimento de A.A. "Eu mesma sou uma bêbada". Isso quebrou uma parte da minha pretensão de ser tão diferente e era exatamente o que meu ego doentio precisava escutar. Então, sua narrativa sobre alcoolismo e recuperação na companhia de outros alcoólicos rapidamente demonstrou que eu estava muito menos poderosa que os AAs que permaneciam sóbrios, unidos. Deste modo, parece-me que o princípio do anonimato é consolidado nessas palavras: "Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar; a reabilitação individual depende da unidade de A.A.." Isto significa que devo colocar o bem-estar da Irmandade à frente do meu próprio? Para responder, eu me faço outra pergunta: teria eu algum bem-estar se não fosse através da Irmandade? Significa, esta Tradição, que deveríamos reprimir vozes impopulares ou divergentes dentre nós? Eu penso que significa o oposto.

Suponhamos que você e eu tenhamos opiniões diferentes sobre psiquiatria, religião, atividades de informação pública, ou sobre passos. Não devemos deixar que estas diferenças passem para o campo pessoal, gerando agressões e antipatias. Não devemos permanecer juntos na sobriedade? Não quero dizer ser tolerante; quero dizer realmente

respeito. Aprender a trabalhar juntos e cordialmente, não obstante as diferenças, faz parte do amadurecimento e, presumo, algo que não havia antes do A.A.

As palavras de nossa Primeira Tradição não foram escritas no dia em que ingressei na Irmandade, mas, quando meus companheiros asseguraram-me de que poderíamos permanecer juntos, sóbrios; acredito que estavam praticando a Primeira Tradição, que também me parece uma repetição do que Bill W. descobriu em Akron, Ohio, quando sentiu a necessidade de falar com outro alcoólico, a fim de manter-se sóbrio.

No longínquo dia em que ingressei na Irmandade, tão logo atendi ao convite subentendido para tomar parte: eu ambicionei estar nessa companhia. Serei sempre grata pelo que logo fui e tenho sido desde então. Nossa união e nosso bem-estar comum significam tanto para mim que fico embaraçada quando alguém faz comentários irreverentes do tipo: "As Tradições são para o Grupo, não para os membros. Elas existem para apoiar o movimento unido". Não para os membros? As Tradições são para a recuperação. Alguém de nós recupera-se por conta própria? Não foi a união com outros alcoólicos que nos ajudou bastante? Alguém em A.A. não acredita que foi ajudado a recuperar-se pelo conhecimento de que estamos todos a bordo de uma balsa salva-vidas? Isto não é Primeira Tradição?

A deflação do ego é importante para minha recuperação, e parece-me que esta Tradição sustenta isto. Até o ponto que conheci, por experiência, o anonimato no sentido espiritual que nasce a partir da Primeira Tradição: A nossa unidade! Os elos que nos mantém unidos devem ser tratados com carinho. (Traduzido da Grapevine)

Vivência nº 34 – Março/Abril 1995